

ALMA PENADA¹

Américo Facó



[78]² O senhor do Retiro morria, e os negros duvidavam:

— Verdade?

Era verdade. A notícia, levada à cozinha pelas mucamas, chegava à casa do engenho, espalhava-se nos eitos, fazia-se de todos, estranha mensagem a correr em voz baixa de escravo a escravo.

— Verdade?

— Verdade!

Mandou logo Sinhá Dona que cessasse o trabalho no engenho por que nenhum rumor viesse à Casa Grande, onde se andava nas pontas dos pés; e duas vezes Belisa saiu a levar a bacia cheia de sangue negro, de coisas ascosas que o senhor lançara pela boca, e foi deitá-la bem longe, ao fundo dos barreiros.

[79] — O homem está apodrecendo! — dizia a mensagem soprada de escravo a escravo.

— Verdade?

¹ FACÓ, Américo. Alma penada. In: _ O Cravo Roxo do Diabo: O Conto Fantástico no Ceará. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011. p. 78-82. [1946]

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

— Verdade!

À noite, a morte veio: justamente à meia-noite, que é hora de assombros. E no mesmo instante, toda a senzala, onde os negros cismavam sem sono, recebia misteriosamente a certeza desejada:

— Acabou-se o homem!

— Verdade?

— Verdade!

Suspiros de alívio dos negros. Ficava-lhes apenas o receio que a noite e a morte, presença dupla, lhes metiam na alma... Era um senhor tão mau! Todos fugiam de vê-lo. Fazia medo o seu olhar... Ainda agora a simples lembrança fazia tremer. Alto, grosso de corpo, olhos azuis meio sumidos que entravam na gente como duas pontas, e um carão vermelho, duro, que parecia de pedra. Oh! Como era mau! E pior ainda quando ria... Que modo de rir! Era um riso que mostrava os dentes arreganhados como os de cão que rosna... Ria assim quando dizia ao feitor:

— Mete este negro na fornalha!

Nem um só, nem dois. Muito negro tinha morrido, por seu mandado, em cima das grelhas ardentes. Nos mais engenhos falavam:

— O senhor do Retiro queima negro na fornalha!

Era rico e poderoso, o senhor do Retiro. Que lhe importava o falar alheio? No quarto de dormir, tinha grandes arcas cheias de ouro e prata: somente o seu orgulho era maior que toda a riqueza. Por mandar queimar um negro, mal se sentia da censura silenciosa de Sinhá Dona; e porque julgava absurdas as fraquezas de mulher, costumava dizer ao feitor, por exemplo, de maneira que ela ouvisse:

— Não há prejuízo onde fica o exemplo. Demais, era um negro ordinário que não valia dois patacões!

Agora, sim. Estava ele também morto. Bem morto! E os negros respiravam aliviados.

Agora, sim!

Um mês inteiro, por ordens novas, houve trabalho somente nas plantações, longe da casa do engenho, e proibiu-se ao feitor castigar os escravos.

— Sinhá Dona, negro sem castigo não trabalha...

— Mas não haja castigo, feitor, que mando eu!

Um dia, afinal, como outrora, as moendas recomeçaram a moer, encheram-se de novo as caldeiras de ferro. Como outrora, o foguista meteu lenha na [80] fornalha, ateou-lhe fogo... Uma acha após outra; as chamas cresciam, as pedras das grelhas se faziam vermelhas. Afeito à sua tarefa, o negro mal atentava no crepitar do braseiro. Só uma vez, por acaso, espiou cuidadoso a caverna ardente... Que viu lá dentro? O foguista deu um salto para trás com gritos apavorados, e aos outros, que acudiam, inquietos por vê-lo assim, apontava para a fornalha e gritava convulsamente:

— O homem! O homem está lá! Dentro do fogo!...

Ninguém compreendia:

— Que homem?!

— Ele mesmo!... O homem!... O homem!... — gritava o foguista, fora de si.

Ninguém compreendia, mas era grande a estranheza de quantos o viam gritar e tremer.

Bernardino, negro velho, perguntou:

— Onde está esse homem?!

— Eu bem vi!... Dentro do fogo!...

Duvidoso, Bernardino balançou a cabeça:

— Uma coisa destas!

Disse e avançou lentamente para a boca da fornalha. Os escravos em redor, que já eram muitos, seguiam ao velho com os olhos, na suposição aparente de que nada podia haver lá dentro senão lenha abrasada.

Bernardino curvou-se e olhou.

— Ui!... — foi o grito espantoso de Bernardino, que saltou para trás, desfigurado; e todos, com ele e o foguista, correram atropeladamente para longe da fornalha.

O feitor, que chegava, clamou, inquieto à vista de tamanho tumulto.

— Que é isso?! Que é isso?! — clamava o feitor.

Logo, todos se atiraram para o seu lado, como a pedir-lhe auxílio. Falavam ao mesmo tempo. Mal podia o feitor entendê-los... Soube, enfim, que o foguista e Bernardino tinham visto o corpo do senhor do Retiro dentro da fornalha!

Olhou-os bem o feitor e conheceu que estavam deveras amedrontados. Habitado, porém, a duvidar do juízo dos negros, dirigiu-se ele mesmo à boca do fogo e se deteve a divisar a lenha que ardia lá dentro. Voltou-se, depois, carrancudo, para o foguista:

— Viste o senhor no meio das brasas?

Aflito, o escravo agitou a cabeça, afirmativamente.

— Mentira de teus olhos! — gritou-lhe o feitor.

O mesmo a Bernardino:

— Dizes também que o viste? Mentira! Mentira!

[81] Os negros, incertos, não replicavam. Como poder convencê-los? O feitor chamou um deles:

— André, vem cá! Vem mostrar que tens a vista boa! Olha, como eu olhei, para dentro da fornalha e dize a esta gente que lá não há nada...

André obedeceu. Quando se aproximava, o feitor segurou-lhe o pulso e o fez curvar-se à boca do fogo. Mas o escravo olhou, e o mesmo assombro o feriu:

— Eu vi!... Eu vi!... — gritava André.

Tornou-se enorme o pânico dos negros. Já o feitor, perplexo, hesitava. E mais uma vez se inclinou diante da caverna encendida, e ficou-se a reparar no fogo demoradamente, como se procurasse distinguir lá dentro algum reflexo ilusório que lhe explicasse o terror dos escravos: via apenas as flamas, a lenha ardente sobre as grelhas vermelhas.

— Eu vejo o fogo! — disse o feitor, voltando-se para os negros. — Mas aqui três homens pensam ter visto o corpo do Senhor Silveira no meio das brasas... Que aconteceu a esses homens? Nada, não é verdade? Venham outros ver quem tem razão!

Aos negros, pareceu a ideia justa. Mais confiantes, embora receosos, consentiram fazer como o feitor dizia. E um depois outro, a começar pelos mais velhos, mal se punham diante do fogo, saltavam precipitados, arregalando os olhos pávidos:

— O homem está lá!

Exasperou-se o feitor:

— Bando de poltrões!

A esse momento, vinha dos canaviais Negrinho Joel, o pajem do feitor, que tinha doze anos. Na mente do feitor, novo pensamento:

— Silêncio! — mandou ele.

Os escravos silenciaram, imóveis. E o feitor chamou:

— Joel!

Negrinho Joel acudiu correndo. Certo de os confundir a todos, o feitor pôs a mão no ombro do pajem para falar-lhe em tom simples:

— Olha aqui a boca da fomalha. Olha bem a ver se alguma coisa está lá dentro.

O pajem saltou lesto ao meio do ladrilhado raso, que resguardava a boca do fogo, e ajoelhou para bem divisar a lenha acesa. Logo os seus olhos se alargaram, e ele voltou a cara espantada para o feitor:

— Estou vendo!

— Que estás a ver? — perguntou-lhe o feitor com voz tranquila.

Negrinho Joel, sempre de joelhos, olhou de novo, atentamente, o interior da fomalha, e tornou a erguer os olhos para o feitor:

[82] — É o senhor meu amo!

Profundo murmúrio subiu do peito dos negros. Uma voz temente pediu:

— É bom apagar este fogo!

O feitor fez um gesto:

— Eu vou falar com Sinhá Dona.

O fogo apagou-se por si mesmo. Nem nesse dia nem nunca mais se acendeu a fomalha do Retiro. Da fábrica do engenho e casa senhorial resta apenas a tapera, onde árvores não crescem.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga

Preparação: Malu Schocair

Comunicação Digital: Rebeca Riga

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

